

O mesmo amor de toda a gente

Ana Luísa Vilela

1. No dia 10 de junho de 2020, dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, a habitual cerimónia oficial foi solitária e sóbria. Com o país confinado, a contagem com a pandemia que assolou a humanidade, as celebrações iniciaram-se de modo insólito – foi declamado o soneto “O teu olhar”, de Florbela Espanca, poema que o Presidente da República pessoalmente escolhera:

Passam no teu olhar nobres cortejos,
Frotas, pendões ao vento sobranceiros,
Lindos versos de antigos romanceiros,
Céus do Oriente, em brasa, como beijos,

Mares onde não cabem teus desejos;
Passam no teu olhar mundos inteiros,
Todo um povo de heróis e marinheiros,
Lanças nuas em rútilos lampejos;

Passam lendas e sonhos e milagres!
Passa a Índia, a visão do Infante em Sagres,
Em centelhas de crença e de certeza!

E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim,
Amor, julgo trazer dentro de mim
Um pedaço da terra portuguesa!

A escolha de um poema de Florbela para a abertura das cerimónias do 10 de junho testemunha genericamente do fervor popular pela obra da poetisa calipolense. Mas, em particular, o poema escolhido representa também uma inédita associação entre erotismo e Pátria, um clamor sentimental em que se entrelaçam, indistinguíveis, o nacionalismo histórico e a paixão amorosa.